

Recebido em out. 2009

Aprovado em dez. 2009

## SUBJETIVIDADE, DISSOCIAÇÃO NÃO PRESUMIDA NA COMPREENSÃO DIALÉTICA DE MARCUSE \*

ALBERTO DIAS GADANHA \*\*

### RESUMO

Transformar fatalidade em realização, este é o significado de se compreender a liberdade como categoria ontológica. Marcuse confirma em Hegel a fundamentação do sujeito como ser de sua própria existência, logo a subjetividade não é dissociada da compreensão dialética marcuseana do ser.

### PALAVRAS-CHAVE

Subjetividade. Efetividade. Ontologia. Liberdade. Instituição.

### ABSTRACT

Freedom, as an ontological category it means not succumbing to external conditions, but transforming factuality in to realization. This transformation is the inner structure of all being therefore subjectivity, couldn't be understood in dissociation of marcusian dialectics.

### KEYWORDS

Subjectivity. Actuality. Ontology. Freedom. Institution.

---

\* Professor de Filosofia da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

\*\* Artigo realizado a partir do texto: "A note on Dialectic", Prefácio de Herbert Marcuse, publicado na 2ª edição de seu livro "Reason and Revolution – Hegel and the Rise of Social Theory" – Boston - Beacon Press, 1960. Este prefácio não fez parte nem das primeiras edições da tradução brasileira e nem da última edição, a quinta de 2004. A anotação das citações serão feitas conforme o parágrafo (§) em que aparecem no texto. Seguindo o seguinte padrão: (Marcuse, 1960, §\_). As citações do texto de H. Marcuse, utilizadas no texto serão reproduzidas, como no original, em notas.



*Mas liberdade é para Hegel, uma categoria ontológica: isto significa ser, não um mero objeto, mas sujeito de sua própria existência, não sucumbir a condições externas, mas transformar fatalidade em realização. Esta transformação é, de acordo com Hegel, a energia da natureza e da história, a estrutura interna de todo o ser! Pode-se sentir tentado a zombar desta idéia, mas deve-se estar ciente de suas implicações. (Marcuse, 1960, §7)<sup>1</sup>*

**Z**ombar da caracterização de que a subjetividade possa, como parte da liberdade, ser o elemento ontológico fundamental, poderá transformar o pensamento em instrumento de escravização do homem ao fático. Desloca-se o ontológico de procedimento à libertação à arapuca da servidão. É séria a alternativa a que podemos nos expor, se a subjetividade não estiver, igualmente como toda a realidade, sob o espectro da liberdade. Entrelaçar-se na arapuca da fatalidade é sucumbir à sua própria alienação, é deixar de ser por si, deixar de exercer subjetividade, para ser determinado pela alteridade que procura sua destruição. Omitir-se à subjetividade, omitir-se à compreensão da liberdade como categoria ontológica da liberdade é sucumbir ao suicídio. Transformar fatalidade em realização corresponde no entanto, à estrutura interna de todo o ser, corresponde à energia da natureza e da história.

---

<sup>1</sup> But freedom is for Hegel an ontological category: it means being not a mere object, but the subject of one's existence; not succumbing to external conditions, but transforming factuality into realization. This transformation is, according to Hegel, the energy of nature and history, the inner structure of all being! One may be tempted to scoff at this idea, but one should be aware of its implications.

Verifica-se que sob o ajustamento da Razão, que as instituições sociais opressoras perpetuaram a não-liberdade. O Universo estabelecido do discurso e da ação, ajustou a racionalidade a seus moldes. A razão, [...] *foi instrumental na criação do mundo que vivemos. Ela também foi instrumental de sustentação da injustiça, do trabalho forçado e do sofrimento. (Marcuse, 1960, §18)*<sup>2</sup> Descobriu-se que o jogo está marcado. Possibilidades de razão e liberdade são retardadas pela dinâmica estratégica do estabelecido que produz continuamente mecanismos de regulagem para repressão das liberdades e das intencionalidades dos perdedores do jogo marcado. A racionalidade instrumental (compreensão dos melhores meios para alcançar fins pré-determinados) trabalha em vista de fins já decifrados como particulares, trabalha sob o jogo das cartas marcadas e da estratégia dominante que é a de manter a consciência dos subordinados longe dos poderes de alteração:

Esta dinâmica ainda parece operar sem fim dentro da própria estrutura da vida: ela regula, mais do que abole, a dominação do homem, ao mesmo tempo pelo homem e pelos produtos do seu trabalho. O progresso torna-se quantitativo e tende a retardar indefinidamente a passagem da quantidade à qualidade – isto é, o acontecer de novos modos de existência com novas formas de razão e liberdade. (Marcuse, 1960, §3)<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> [...] since the adjustment of Reason to oppressive social institutions perpetuated unfreedom Reason, as the developing and applied knowledge of man – as ‘free thought’ – was instrumental in creating the world we live in. It was also instrumental in sustaining injustice, toil, and suffering. (Marcuse, 1960, §19).

<sup>3</sup> Yet this dynamic seems to operate endlessly within the same framework of life: streamlining rather than abolishing the [Continual]

Há subjetividades reprimidas, há intencionalidades supressas, em favor de racionalidades dispersas. Racionalidades que insistem em distanciarem-se de gêneses subjetivas, subordinadas sim a valorações institucionais superiores, por tratar-se de interesses corporativos e comunitários e não de subjetividades, nem de intencionalidades pessoalizadas. A racionalidade do estabelecido considera-se como racionalidade definitiva, de modo que não se permite alteração qualquer por motivos não institucionalizados, será espúria qualquer diferenciação não prevista. A totalidade já está estabelecida, tanto a da práxis produtiva, quanto a do discurso de tal práxis. O universo estabelecido não permanece como tal, por acaso, há subjetividades que o sustentam:

Qualquer realidade implica, portanto, uma realização – um desenvolvimento de ‘subjetividade’. Esta subjetividade ‘chega a si’ na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, definido por Hegel, como ‘progresso na consciência da liberdade’. (Marcuse, 1960, §6) <sup>4</sup>

As subjetividades estão presentes no status quo. Intencionalidades definíveis, subjetividades específicas eclodem nos comprometimentos e estratégias institucionais,

---

**[Continuação da Nota 3]** domination of man, both by man and by the products of his labor. Progress becomes quantitative and tends to delay indefinitely the turn from quantity to quality – that is, the emergence of new modes of existence with new forms of reason and freedom.

<sup>4</sup> Each reality, therefore, is a realization – a development of ‘subjectivity.’ The latter ‘comes to itself’ in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as ‘progress in the consciousness of freedom.

o institucional pode ser caracterizado como subjetividade restrita estabelecida no poder. As instituições e o poder que as mantêm estão comprometidas com intencionalidades definidas: *A abstração desta inter-relação não leva mais a uma realidade mais genuína mas à decepção, porque mesmo nesta esfera o próprio sujeito é aparentemente uma parte constitutiva do objeto, isto é, como determinado cientificamente. (Marcuse, 1960, §20)* <sup>5</sup> O próprio sujeito, determinado cientificamente, o sujeito planejado, planeja meios eficientes para se chegar a resultados prescritos pelo controle estabelecido:

Aqueles que enaltecem e regem tal conquista a têm utilizado para criar um mundo no qual o aumento do conforto da vida e o poder onipresente do aparelho de produção mantêm o homem submetido ao estado de coisas que prevalece. (Marcuse, 1960, §20) <sup>6</sup>

Marcuse cita Hegel, para dizer que a liberdade é uma categoria ontológica. Isto significa que o sujeito é sujeito de sua própria existência. Marcuse mantém que a liberdade constitui a dinâmica mais profunda da existência: [...] o indivíduo persiste numa indissolúvel

---

<sup>5</sup> Abstraction from their interrelation no longer leads to a more genuine reality but to deception, because even in this sphere the subject itself is apparently a constitutive part of the object as scientifically determined.

<sup>6</sup> Those who enforce and direct this conquest have used it to create a world in which the increasing comforts of life and the ubiquitous power of the productive apparatus keep man enslaved to the prevailing state of affairs.

harmonia com o todo e no qual as condições e as relações do seu mundo “não têm objetividade essencial independente do indivíduo”. (Marcuse, 1960, § 9) <sup>7</sup>

A subjetividade é o valor, a categoria ontológica, citada por Marcuse, mostra a firmeza com que ele expõe a prioridade do desenvolvimento da interioridade, da subjetividade do ser. Garantir o caráter ontológico da liberdade é não ceder às condições externas, à denominada alienação do indivíduo, é manter a identificação do indivíduo consigo próprio:

A identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, (Marcuse, 1960, § 6) <sup>8</sup>

O universo do status quo, além do simples aliciamento de cidadãos com seu poder fabuloso de criar condições externas, promove meios para satisfazer a interioridade. No entanto, o sujeito pode guardar para si a auto imposição simbólica e real no sistema produtivo atualizado capitalista, da subjetividade do capital que não

---

<sup>7</sup> For the history of mankind, this means attainment of a ‘state of the world’ in which the individual persists in inseparable harmony with the whole, and in which the conditions and relations of his world ‘possess no essential objectivity independent of the individual’

<sup>8</sup> [...] and identity is only the continuous negation of inadequate existence, the subject maintaining itself in being other than itself. Each reality, therefore, is a realization – a development of ‘subjectivity.’ The latter ‘comes to itself’ in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as ‘progress in the consciousness of freedom.

é mais sua subjetividade, esta morre quando ele sujeito está separado do trabalho vivo.

A Grande Recusa, como práxis de ordem, como palavra de ordem, é a certeza de vida para nosso autor. Neste prefácio, Marcuse mostra que a recusa e a negação compreendida triadicamente como cancelamento, como admissão e como melhoria de qualidade, podem circular pelos mais significativos debates da filosofia contemporânea, diferenciando-se d' *"Aqueles que enaltecem e regem a conquista da subjetividade para criar um mundo no qual o aumento do conforto da vida e o poder onipresente do aparelho de produção mantêm o homem submetido ao estado de coisas que prevalece"*. (Marcuse, 1960, §20) <sup>9</sup>

Onde Marcuse encontrou forças conceituais para enfrentar uma organização cada vez mais complexa do capital, para enfrentar o poder da organização estabelecida em submeter as subjetividades, desde os primeiros enfrentamentos da Filosofia Crítica de Frankfurt, passando pela IIª Guerra, e pelos autoritarismos políticos até o autoritarismo unidimensional da sociedade industrial? Sua certeza foi a força da própria Subjetividade. A subjetividade representa e actualiza<sup>10</sup> a capacidade de pensar como a capacidade de considerar a negação daquilo que possa estar imediatamente diante de nós. A subjetividade está presente em toda história: *Todos os*

<sup>9</sup> Those who enforce and direct this conquest have used it to create a world in which the increasing comforts of life and the ubiquitous power of the productive apparatus keep man enslaved to the prevailing state of affairs.

<sup>10</sup> Actualização sim com "c" mudo para destacar o significado aristotélico e inglês do termo, de realização da possibilidade essencial no concreto.

*fatos incorporam tanto quem os conhece tanto quem os executa. Eles constantemente convertem o passado no presente, e os objetos por isso ‘contêm’ subjetividade em sua própria estrutura. (Marcuse, 1960, §4)*<sup>11</sup>

A subjetividade está tão presente na história que é ela a subjetividade enquanto possibilidade de alteração dos objetos que se transforma, para a compreensão dialética do mundo, na categoria ontológica fundamental do ser.

Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, definido por Hegel, como “progresso na consciência da liberdade”. (Marcuse, 1960, §6)<sup>12</sup>

A subjetividade enquanto capacidade humana, transforma-se no elemento de racionalidade enquanto elemento de construção do mundo enquanto elemento realizador do progresso na consciência e liberdade, transforma-se na possibilidade da liberdade como a efetiva realidade ontológica. É na história que a subjetividade desenvolve-se, realiza-se e supera-se, fazendo parte de uma totalidade imersa na possibilidade da efetivação da liberdade. Compreender a Subjetividade é compreendê-la na dinâmica processual em que atua como elemento ativo e elemento passivo, enquanto elemento que faz parte da construção de consciência e de liberdade.

---

<sup>11</sup> All facts embody the knower as-well as the doer; they continuously translate the past into the present. The objects thus ‘contain’ subjectivity in their very structure.

<sup>12</sup> Each reality, therefore, is a realization - a development of ‘subjectivity.’ The latter ‘comes to itself’ in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as ‘progress in the consciousness of freedom.’

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUSE, H. *Razão e Revolução* - Hegel e o Advento da Teoria Social. Tradução de Marília Barroso - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Reason and Revolution* - Hegel and the Rise of Social Theory. Boston - Beacon Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *Raison et Révolution* - Hegel et la naissance de la théorie sociale. Traduction de Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.